

A trajetória do pensamento de McLuhan no contexto da pesquisa em comunicação no Brasil

The trajectory of McLuhan's thoughts on the context of Brazilian communication

JANARA SOUSA

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Faculdade de Comunicação – UnB
<janara.sousa@gmail.com>

ELEN GERALDES

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Faculdade de Comunicação – UnB
<elenger@ig.com.br>

RESUMO

A proposta deste trabalho de investigação é refletir sobre a história e a repercussão do pensamento de McLuhan sobre a pesquisa em Comunicação no Brasil. Desde a tradução das primeiras obras do autor para o português, ainda na década de 60, que o pensamento comunicacional brasileiro se vê profundamente marcado pelas ideias desse eminente teórico. Para empreender esta pesquisa, analisamos artigos, livros e dicionários da Comunicação brasileiros na perspectiva de compreender como o pensamento do autor foi referenciado e interpretado. Esta análise nos permitiu

a construção de três fases que consideramos essenciais para entender a repercussão do pensamento de McLuhan no Brasil: ambiguidade, silêncio e apropriação. A despeito das outras fases, essa última é marcada por uma apropriação do pensamento do autor, especialmente, por causa do advento da internet, que marca definitivamente McLuhan como um dos principais pensadores na nossa era.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; McLuhan; Brasil; Teorias da Comunicação.

ABSTRACT

The purpose of this research is to reflect on the history and the repercussion of McLuhan's thoughts on Communication in Brazil. Since the translation of McLuhan's early works into Portuguese, still in the 1960s, Brazilian Communication thought has found itself deeply marked by the ideas of this eminent author. To undertake this research, we reviewed articles, books and Brazilian dictionaries of Communication in order to understand how McLuhan was referenced and

understand. This analysis allowed the construction of three phases that we consider essential to understand the impact of McLuhan's thought in Brazil: ambiguity, silence and appropriation. Despite the other phases, the latter is marked by an appropriation of the ideas of the author, especially because of the advent of the Internet, which definitely marks McLuhan as one of the leading thinkers of this era.

KEYWORDS: Communication; McLuhan; Brazil; Theories of Communication.

O teórico canadense e professor de Literatura Marshall McLuhan (1911-1980) foi, certamente, um dos mais importantes pensadores do século XX. O autor teve sua obra traduzida para diversos idiomas e trouxe definitivamente para a pesquisa em Comunicação a preocupação com os meios. Como evidência do prestígio desse pensador e da atualidade do seu debate, no ano de 2011, por ocasião do centenário de nascimento de McLuhan, houve, em diversas universidades do mundo, eventos para comemorar e continuar o debate proposto pelo autor.

A proposta desta pesquisa é discutir e tentar apontar alguns aspectos da trajetória, e de algum modo, o impacto da obra de McLuhan na pesquisa em Comunicação brasileira. A tradução para português e a publicação das principais obras do autor – como *Understanding Media: the extension of man* e *The Medium is the Massage: An Inventory of Effect* – aconteceram ainda na década de 60, poucos anos depois da publicação dos originais. Certamente, essa tradução rápida, especialmente, considerando o contexto histórico da época (ditadura militar), deveu-se ao grande encantamento que esse destacado autor causou em todo mundo. No Brasil, assim como em diversos países

que acolheram nas suas universidades a produção de McLuhan, a aproximação a esse pensamento provocou efeitos, que, seguramente, auxiliam na compreensão dos rumos que a pesquisa em Comunicação tomou.

Para compreender a trajetória do pensamento desse teórico no Brasil, cremos que é fundamental resgatar além do histórico da pesquisa em Comunicação, também, o próprio contexto social, político e econômico da nação brasileira. Como argumenta Maria Immacolata Lopes (2005), não é possível compreender os caminhos da pesquisa na nossa área sem considerar os contextos históricos, sociais e políticos, que possibilitaram a produção do conhecimento. Neste artigo, apresentaremos três momentos que acreditamos que explicam a história do pensamento mcluhaniano no Brasil: ambiguidade, silêncio e apropriação.

A produção de McLuhan trouxe e traz uma significativa mudança nos rumos da pesquisa em Comunicação em todo o mundo. Se resgatarmos o esquema lasswelliano (Lasswell, 1948), é possível que, até a década de 60, tenhamos como aspectos privilegiados desta pesquisa o interesse nos estudos sobre os efeitos e o conteúdo das mensagens. Até essa década, o cenário mundial apontava para uma polarização, no que concerne aos estudos da Comunicação, entre a América do Norte e a Europa. Ou, mais precisamente, *Communication Research* e Teoria Crítica, as quais compartilhavam, às vezes secretamente, às vezes abertamente, o mesmo desejo de compreender o impacto da Comunicação mediada pelos meios de massa.

“

A pesquisa empírica sobre as comunicações de massa tradicionalmente se dividem em três domínios: estudo de públicos, estudo de conteúdo, estudos de efeitos, esta divisão valoriza de fato os estudos dos efeitos. Certamente, a pesquisa sobre os conteúdos partem da retórica da mensagem ou da dimensão do público atingido, mas ele desemboca igualmente sobre o problema dos efeitos.”

(Katz, 1999, p. 1)

O trabalho de McLuhan, como dito anteriormente, inaugura uma nova fase da pesquisa em Comunicação: a preocupação com os meios. O estudo sobre os efeitos, tão privilegiados ao longo de história da pesquisa na área até a década de 60, cede espaço para se pensar e compreender a principal mensagem do processo de Comunicação mediado: o canal (McLuhan, 1964). Certamente, o interesse pelos efeitos dos meios também perpassou a obra do autor canadense, mas a centralidade de sua pesquisa foi indubitavelmente voltada para os canais.

A década de 60 também trouxe outra questão importante para a pesquisa em Comunicação. É exatamente nessa época que a polarização América do Norte e Europa passa a ser vencida. Pouco a pouco, o mundo começava a se apropriar desses estudos e abrir novas e complexas frentes de pesquisa (Miège, 2002). É nesse contexto que a pesquisa em Comunicação na América Latina e no Brasil começa a desabrochar.

A pesquisa incipiente na América Latina, na década de 60, revelava aspectos culturais e políticos da época. A predileção pelos efeitos e conteúdo da mensagem foi facilmente substituída por uma pesquisa engajada compromissada em denunciar o imperialismo cultural e o massacre das ditaduras latinas, amplamente apoiadas pelos Estados Unidos.

E no Brasil esse cenário não foi diferente. O início da pesquisa em Comunicação no país foi marcado pelo interesse pela cultura popular e suas manifestações – a Folkcomunicação. O grande expoente desta época foi o pesquisador Luiz Beltrão, que inspirou outros diversos estudiosos. Entretanto, esta linha de pesquisa foi interrompida por novos desafios. A ditadura militar no Brasil, que durou de 1964 até 1985, deu um novo tom à produção científica e acadêmica. A geração dos pesquisadores dessa época, perseguida e muitas vezes exilada, voltou seu foco para desvendar a manipulação que os meios de Comunicação e suas mensagens poderiam causar. O momento político delicado deu contornos políticos à pesquisa em Comunicação.

A seleção dos três momentos do pensamento de McLuhan no Brasil, que desenvolveremos ao longo desse trabalho, é resultado de uma pesquisa que vem se desenvolvendo há quase cinco anos. O interesse inicial das autoras pela obra desse pesquisador levou-as a mergulhar na leitura de diversos comentaristas brasileiros sobre o pensamento de McLuhan. Nesse sentido, livros, artigos, jornais e dicionários da Comunicação foram as principais fontes de consulta. A análise desses textos nos levou a considerar que determinados períodos de tempo foram marcados por caminhos de pesquisa, utilização e opiniões sobre a obra de McLuhan bastante semelhantes. Isto possibilitou a criação desses três momentos, que não têm a intenção de fechar o debate, mas que pretendem observar um pouco mais de perto e lançar questões sobre a história, além do impacto do pensamento mcluhaniano na pesquisa em Comunicação brasileira.

Ambiguidade: McLuhan, ame-o ou deixo-o

Antonio Hohlfeldt e Maria Cristina Gobbi, dois eminentes pesquisadores brasileiros, lançaram, em 2004, uma obra que reflete sobre a história da pesquisa em Comunicação no Brasil. Essa obra única e destacada apresenta três principais fases do pensamento comunicacional brasileiro – geração pioneira, geração renovadora e geração inovadora. Trata-se, na verdade, do pensamento de pesquisadores¹ destacados no Brasil que tiveram suas obras premiadas e reconhecidas. As duas primeiras fases datam de logo após a II Guerra Mundial até, aproximadamente, a década de 80, a qual coincide quase totalmente com o período de tempo da primeira fase do pensamento de McLuhan no Brasil: a ambiguidade.

De acordo com Gobbi (2004), o pensamento comunicacional brasileiro começa com o surgimento das escolas superiores de jornalismo do país. Mas se consolidou somente na década de 60 com a ampliação dos cursos de Comunicação (jornalismo, cinema,

publicidade e propaganda, relações públicas e outros). Os estudos da primeira geração focavam na Folkcomunicação e na Comunicação popular. Esse período, anterior à instalação da ditadura militar, foi de crescimento econômico do país, embora marcado por instabilidades políticas.

A partir da década de 60, o cenário mundial e nacional muda muito. Transforma-se, no que concerne à pesquisa em Comunicação, já que finalmente se tem, além da ampliação das perspectivas temáticas, o aumento dos países e pesquisadores envolvidos nessa pesquisa. Entretanto, mudam também os cenários políticos, especialmente na América Latina, na qual ditaduras militares se espalham como pestes virulentas e sanguinárias. Nesse momento, o mundo também acompanha a forte corrida armamentista provocada pela Guerra Fria. O clima de instabilidade política, de certo modo, imperava e apontava para construção de um cenário de disputas, polarização do poder econômico e político, mas ainda de desenvolvimento tecnológico.

É nesse cenário que a obra de McLuhan chega ao Brasil, logo após o golpe militar de 1964. As publicações dessas obras aconteceram justamente nessa década marcada por repressão e perseguição. O acolhimento do pensamento mcluhaniano no Brasil refletiu a oscilação política do momento. Portanto, a primeira fase – que inaugura a chegada do trabalho do pesquisador no Brasil –, foi marcada por uma forte ambiguidade que dividiu os autores da área. McLuhan foi visto, por muitos teóricos brasileiros, como conservador e reacionário, já que tinha como preocupação a questão tecnológica. Esses autores apontavam e criticavam o caráter determinista da produção do autor e se ressentiam da ausência do debate político. Por outro lado, parte da comunidade acadêmica e dos intelectuais da época encantou-se com o trabalho de McLuhan e se encarregou da tradução de suas obras.

Luiz Costa Lima, um importante pensador da Comunicação das décadas de 60 e 70, publicou, em 1969, uma obra muito conhecida intitulada *Teoria da Cultura de Massa*.

Esse livro trazia textos de alguns importantes teóricos da Comunicação e comentários de Lima sobre os textos. Neste universo de 12 textos escolhidos, McLuhan figura como um dos autores mais importantes da Comunicação, entretanto, nos comentários sobre o pensamento do autor, Lima (1969) o considerou antiquado, atacou suas teses, as quais considerou pouco defensáveis e evolucionistas.

“

Se teoricamente, portanto, McLuhan não parece existir, sua obra, no entanto, por outro lado, apresenta pelo menos uma sensível qualidade: a de, contra a direção predominante na sociologia da comunicação de massa, insistir sobre o caráter decisivo das análises sobre e a partir da linguagem, isto é, sobre e a partir do próprio meio em que a mensagem se formula.”

(Lima, 2002, p. 151)

Lima também acredita que a entrada do pensamento de McLuhan no Brasil foi marcada por uma forte ambiguidade. Segundo ele, em meados da década de 60 já não era raro ouvir o nome de McLuhan no meio intelectual. “Aos poucos, à medida que suas obras foram sendo digeridas, quebrou-se a unanimidade do assombro: a veemência dos admiradores passou a contar com a contraveemência dos acusadores. Gênio ou mistificador, os dois clãs não fazem por menos” (Lima, 2002, 149).

O interessante é que embora o autor tivesse críticas contundentes com relação ao trabalho de McLuhan, também reconhecia a sua importância. Com efeito, a seleção do texto de McLuhan, intitulado *Visão, Som e Fúria*, para a composição do livro sobre cultura de massa já apontava que o pensamento de McLuhan era considerado importante para compreender esse fenômeno.

Costa Lima, em parceria com Chaim Samuel Katz e Francisco Antonio Doria, publicou, em 1975, a obra *Dicionário Básico de Comunicação*, um dos primeiros trabalhos dessa natureza no Brasil. Neste dicionário o nome de McLuhan consta como um verbete, no qual está descrito brevemente sua biografia, publicações e principais conceitos. Os autores ponderam sobre a questão da ambiguidade que a obra de McLuhan causou e afirmam que até aquele momento não se havia feito uma análise crítica cautelosa do pensamento desse autor. Nas páginas do livro a ambiguidade sobre McLuhan é explícita. Ele é ora apontado como um pesquisador brilhante, ora criticado pela fragilidade de seus exemplos.

O cenário das décadas de 70 e 80 é marcado por pesquisas que denunciavam, por exemplo, o imperialismo cultural – notadamente protagonizado pelos Estados Unidos sobre os países da América Latina –, o uso dos meios de Comunicação pelo Estado e o capital estrangeiro na mídia brasileira. Por outro lado, esse momento é também de prosperidade econômica e de crescimento dos meios de Comunicação no Brasil. Assim, esse cenário deu o tom de uma tensão criativa, na qual a pesquisa aumenta como reação ao regime militar e também ao desenvolvimento tecnológico nacional.

“

Pode-se dizer que entre uma e outra geração (pioneira e renovadora) permeia cerca de duas décadas em que o panorama da pesquisa em geral, no Brasil, e em especial na área de comunicação, sofreu sensível modificação, ampliando-se e aprofundando-se. Isso se deveu não apenas ao imenso crescimento das redes de comunicação quanto à necessidade da reflexão crítica sobre elas que se impôs. Como consequência, pode-se observar que boa parte dos textos aqui selecionados preocupam-se ainda com perspectivas históricas, de levantamento e fixação de dados, ao lado da reflexão teórica.”

(Hohlfeldt, 2004, p. 12)

Seguramente, também havia o coro daqueles que se encantaram pela obra de McLuhan e viram nela o caráter revolucionário, quase mágico dos aforismos desse teórico. Tanto que no ano de 1969 três livros do autor foram traduzidos para o português: *Understanding Media*, *The Medium is the Massage* e *The Gutenberg Galaxy*.

Mesmo com o cenário político complicado, era impossível passar incólume pela popularização da televisão nas décadas de 60 e 70. Esse fenômeno de massa também impressionou a nação e os pesquisadores pela sua rápida popularização e pela adesão dos brasileiros à programação desse meio de Comunicação. A capacidade de McLuhan em falar sobre o impacto dos canais através deles próprios, certamente, encantou muitos pesquisadores e criou resistências entre os mais conservadores.

“

É essa presença em rádios, televisões e suplementos culturais dos jornais que transformará as edições de textos acadêmicos em best sellers e seus autores em stars, familiares aos espectadores dos jornais televisivos de fim de tarde. Marshall McLuhan será um dos precursores neste novo estrelato, encerrando uma tradição marcada pela figura do intelectual discreto e até tímido, como um Walter Benjamin. McLuhan é filho dos meios de comunicação, dos quais será o primeiro grande ufanista, mas também será o primeiro grande star acadêmico.”

(Gastal, 2003, p. 47)

A ambiguidade que apontamos nesta primeira fase do pensamento do teórico canadense no Brasil é também marcada por uma ambiguidade na área, que traz à tona este novo vetor de análise (ou essa nova chave de leitura) – o meio de Comunicação –

na política, na economia e na cultura dos brasileiros, que passam a dedicar boa parte do seu tempo à assistência da televisão.

Para se ter ideia das vozes que aclamavam o pensamento de McLuhan, Anísio Teixeira, um importante pesquisador brasileiro responsável por vários projetos nacionais na área de Educação, foi convidado para escrever o prefácio do livro *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*, lançado em português, em 1972. A apresentação de Teixeira à obra de McLuhan é emocionada. Logo no primeiro parágrafo, ele aponta o autor como único na sua capacidade de penetração e imaginação. Afirma que McLuhan é um dos mais debatidos pensadores da década de 60 e que o diferencial está no novo ângulo que ele criou para desvendar as razões pelas quais se formou o espírito moderno.

“

Para a nova era dessa civilização que está indiscutivelmente a anunciar-se, ler e procurar penetrar o difícil, novo e original pensamento de McLuhan não é apenas um raro e alto prazer, mas dever e necessidade de cada um de nós que sofremos as perplexidades e incertezas da imensa transição.”

(Teixeira, 1972).

Certamente, essa citação de Teixeira é emblemática do encantamento que o trabalho de McLuhan causou no Brasil. O *oráculo* McLuhan (Tremblay, 2003) dividiu opiniões, às vezes radicalmente, mas, certamente não passou despercebido no Brasil. Num momento de decisões radicais e extremadas, como foram as décadas de 70 e 80, McLuhan não foi percebido como um apaziguador, e, sim, como provocador.

Silêncio: é melhor não falar mais sobre isso

A segunda fase do pensamento de McLuhan no Brasil foi marcada predominantemente pelo silêncio. A polêmica e o frisson que autor causou com a chegada de seus livros não resistiram ao peso da ditadura. O debate político era imperioso, inclusive no âmbito da Comunicação. As décadas de 80 e 90 marcam o fim da ditadura militar e também a abertura para novas perspectivas de estudos, tanto no Brasil quanto na América Latina. As tendências desse período no Brasil foram as pesquisas empíricas, especialmente a pesquisa-ação, que se tratava de compreender e estimular a apropriação dos meios de Comunicação pela população².

Os primeiros anos da década de 80 foram marcados, no país, pelo esgotamento do modelo econômico adotado durante o regime militar. A dívida externa brasileira tinha sido exacerbada com a crise internacional, as tentativas de negociação foram continuamente rejeitadas, a inflação aumentou, o desemprego foi crescendo e o país estava mergulhando em recessão. A criação do Partido dos Trabalhadores (PT) e da campanha para as eleições diretas representou a resistência política em um cenário de grande desequilíbrio social. A eleição indireta de Tancredo Neves, um civil, para a presidência da República, em 1985, representou o resgate da esperança. Sua morte antes de ser investido no cargo, em 21 de abril de 1985, e a nomeação do vice-presidente, José Sarney, não foram suficientes para conter a demanda por uma Assembleia Nacional Constituinte. Três anos depois, em 1988, uma nova Constituição foi promulgada, apelidada como a *Constituição Cidadã*.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1980, 25% da população brasileira era analfabeta. Se o semianalfabetismo for considerado, a taxa chegaria a 60%. O desemprego, a miséria e a maior dívida externa da história contribuíram para o saldo negativo do Regime Militar. No entanto, algum avanço inegável também foi registrado, principalmente no setor de energia,

infraestrutura, indústria da aviação e de comunicações. Os dois *Brasis* – o da exclusão e o do desenvolvimento – coexistiram resistindo as dificuldades.

Durante a ditadura militar, um movimento silencioso, mas muito expressivo, foi evidenciado, o desenvolvimento do ensino superior privado no país. De 1965 a 1980, um aumento no número de vagas foi visto, principalmente de faculdades particulares, focadas, essencialmente, no ensino, com pouco ou nenhum investimento em pesquisa e extensão. Essas pequenas instituições testemunharam a diversificação de cursos e públicos com acesso ao ensino superior. Os cursos de Comunicação no país, principalmente datados a partir da década de 1960, foram multiplicados e se expandiram também fora das capitais.

Os novos cursos de Comunicação apresentavam grande diversidade teórica e metodológica. O ensino privado, como resultado da necessidade de inclusão rápida do aluno para o mercado e o perfil não muito conhecido de suas estruturas, é caracterizado pelo domínio de conteúdo técnico e profissional. Em um cenário em que faculdades adotam várias teorias, mas não se dedicam à análise profunda dos conhecimentos teóricos, a Escola de Frankfurt já não era mais hegemônica. Após o enfraquecimento da ditadura e o movimento de democratização, os meios de Comunicação não são mais vistos como parte de um sistema de manipulação no regime capitalista. Outros temas começam a ser analisados, entre eles, o que se torna destaque no país, a pesquisa sobre a recepção.

O pensamento de McLuhan se tornou conhecido, mas ainda com algum isolamento, por seu caráter original. Se, durante os *anos dourados* da ditadura militar houve ambiguidade com relação ao pensamento mcluhaniano, porque o autor canadense não aceitou a perspectiva pessimista sobre os meios de Comunicação, nem endossou a preocupação com a sutileza das mensagens, durante os anos subsequentes, o interesse da pesquisa brasileira em Comunicação se voltou muito fortemente para os estudos

de recepção. McLuhan foi se tornando o pesquisador deslocado, o capítulo específico, sem continuidade, *exótico*. O autor continuou a ser rotulado como politicamente conservador e teoricamente ingênuo.

Para se ter uma ideia, nas décadas de 80 e 90, um dos livros mais conhecido de Teoria da Comunicação, usado nas instituições de ensino brasileiras, chamado de *Teorias da Comunicação*, escrito pelo italiano Mauro Wolf, não menciona a Escola de Toronto. Esse livro apresenta diversas correntes de pesquisa em Comunicação e foi traduzido para o português no início dos anos 80. Wolf, em uma nota de rodapé, explicou que, mesmo considerando brilhante o pensamento mcluhaniano, o trabalho de pesquisador não pertencia à pesquisa em Comunicação:

“

Poder-se-ia inscrever nesta categoria um outro autor fecundo e famoso na literatura dos mass media, cuja obra – para além de apaixonadas polémicas e discursos enternecidos – deixou, contudo, pouquíssimos vestígios na pesquisa. Trata-se de McLuhan, ensaísta brilhante cuja abordagem pode inserir-se numa perspectiva culturoológica. De facto, para este autor, o interesse pelos mass media – entendidos numa acepção bastante extensiva – está ligado, essencialmente, às transformações antropológicas introduzidas por cada inovação comunicativa, através de modalidades de percepção que são intrínsecas à tecnologia de cada mass media.”

(Wolf, 1995, p. 94)

Outra obra bastante conhecida, dessa época, nas escolas de Comunicação no Brasil foi *Teoria da Comunicação de Massa*, dos pesquisadores estadunidenses Melvin DeFleur e Sandra Ball-Rokeach, publicado em português na década de 80. O trabalho dos autores

praticamente não menciona a obra de McLuhan. Nem mesmo, como fez Wolf, para negar o pertencimento do autor à área de Comunicação.

É preciso lembrar que essa fase começa concomitante à morte de McLuhan, que aconteceu no dia 31 de dezembro de 1980. Esse fato também pode ter contribuído para que o debate sobre a obra do autor fosse progressivamente silenciado.

Mas houve resistência. As escolas que mais intensamente adotaram o autor canadense em seu plano de estudos, durante os anos 80 e 90, beneficiaram-se da oportunidade de aprofundar esse pensamento. Afinal, o desenvolvimento das novas tecnologias começou a desafiar intelectuais e militantes, na perspectiva de considerar os meios de Comunicação em sua especificidade. Em um cenário de democratização, em que dois *Brasis* tentam se aproximar um do outro, foi importante entender como a televisão, o rádio e a imprensa, por exemplo, poderiam cooperar. Deslocando a análise da influência dos meios de Comunicação sobre a opinião pública para a discussão das possibilidades de cognição, estimulado por estes meios, McLuhan permitiu diálogos muito férteis entre Comunicação e Educação. E a internet ainda não tinha mostrado o seu poder.

Apropriação: para além do amor e do ódio

A terceira fase do pensamento de McLuhan no Brasil é marcada por um intenso resgate da obra deste autor. Mas os tons dessa vez são outros. O país, com sua democracia restaurada e o forte crescimento econômico, consolidado a partir da década de 90, abre e fortalece a sua pesquisa científica, ampliando os cursos de graduação e pós-graduação em Comunicação. O contexto socioeconômico mais estabilizado também permite o forte investimento em tecnologias comunicacionais. Conglomerados de Comunicação surgem no Brasil e a década de 90 é, certamente, a aurora de um novo ciclo para a nação.

Esse *revival* das teses de McLuhan no Brasil é fruto de intensas transformações trazidas pela década de 90 e, especialmente, pelos anos 2000. Os anos 90 trazem, como colocamos, além da consolidação da democracia no país, a ampliação da pesquisa em Comunicação. Novos objetos entram em foco e a tecnologia ganha um lugar privilegiado, provavelmente, por causa deste contexto nacional de investimento em ciência e tecnologia.

Neste cenário de ampliação das perspectivas, a pesquisa em Comunicação passa a olhar para outros objetos. Entre eles, a internet. O interesse nessa área auxiliou a consolidação da terceira fase da repercussão do pensamento de McLuhan no Brasil. O teórico, agora visto de outro modo, é apropriado, revisitado e rememorado. Redes sociais virtuais, blogs, cibercultura, cibersocialidade e portais da internet são alguns dos álibis para o regaste do pensamento de McLuhan na pesquisa em Comunicação brasileira.

Conforme Hohlfeldt (2004), a geração inovadora de pesquisadores brasileiros, que desponta justamente a partir dos anos 90, vem sob a égide da internet e outros meios, que, entre outras possibilidades, permitem e estimulam a diversidade da pesquisa na área:

“

[...] foi necessária a ampliação e o aprofundamento das reflexões e das pesquisas, como a conseqüente variedade de preocupações. Assim, vamos encontrar já um conjunto de perspectivas extremamente diversificadas, abrangendo múltiplos campos em que a comunicação social se manifesta, cruzando-se com diferentes disciplinas e níveis de conhecimento.”

(Hohlfeldt, 2004, p. 13)

Esta ampliação das perspectivas de pesquisa e o contexto de pesquisa em Comunicação mais favorável liberaram os autores do constrangimento de mergulhar sobre o tema da tecnologia. Os anos 90 e o início do novo milênio trazem uma nova reação à obra de Marshall McLuhan. É muito provável que, assim como no Brasil, nestas últimas duas décadas, em outros países do mundo tenha acontecido o mesmo fenômeno de reaproximação do trabalho deste teórico, pelos pesquisadores da área de Comunicação.

De fato, o debate sobre o meio de Comunicação, só floresce no Brasil nesse período, o que explica essa reaproximação com a obra de McLuhan. Falar em meios e não evocar o nome do autor, mesmo que as vozes sejam discordantes, pode ser agora incorrer num erro grave. Para se ter ideia da forte referência que o autor se tornou, se você for procurar o verbete *meio de comunicação* no dicionário de Comunicação mais conhecido do país, que está na sua 11ª edição, feito por dois pesquisadores, Gustavo Barbosa e Alberto Rabaça (2001), encontrará uma menção importante ao trabalho de McLuhan.

Outra evidência que podemos citar está na tese de doutoramento do pesquisador Richard Romancini sobre a questão da formação do campo científico da Comunicação no Brasil, defendida em 2006. Romancini (2006) afirma que, em 1977, McLuhan era pouco citado nos trabalhos defendidos, no âmbito dos programas de pós-graduação brasileiros. Em 1983, dos cinco autores estrangeiros mais citados, McLuhan era o quinto. Em 1990, ele não figurava mais na lista dos mais citados. Entre 1997 e 2004, o autor estava entre os 20 teóricos mais citados nas teses e dissertações da área de Comunicação no Brasil.

Além disso, associações de pesquisa em Comunicação – como Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós) e Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) – trouxeram

para o seio de seus debates a questão tecnológica, com a consolidação de grupos de trabalho permanentes. A Intercom, por exemplo, em 2011, durante o seu principal evento nacional, realizou um ciclo de debates, intitulado *A Galáxia de McLuhan*, para celebrar os 100 anos do autor. No ano do centenário, diversos programas de pós-graduação brasileiros também fizeram eventos voltados para o debate da obra de McLuhan, como: a Faculdade de Comunicação, da Universidade de Brasília (UnB); a Escola de Comunicação e Artes, da Universidade de São Paulo (USP); a Faculdade de Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); e, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), entre outros.

Trazida pela mão das tecnologias, a *onda* mcluhaniana não ficou somente nesse aspecto do debate. Várias teses do pesquisador são resgatadas e discutidas na tentativa de, muitas vezes, debater além das hipóteses secundárias, mas o núcleo duro do pensamento de McLuhan e, certamente, também de Harold Adam Innis³. Como evidência, evoca-se muito a argumentação dele quando se trata dos fenômenos da internet, mesmo sem que McLuhan nunca tenha escrito uma linha sequer sobre a rede mundial de computadores.

Luiz Cláudio Martino (2008), um destacado epistemólogo brasileiro da área de Comunicação, defende que o núcleo duro da obra de Innis e McLuhan são mais que teorias do campo comunicacional. Eles, na verdade, fundam essa área de pesquisa, na medida em que se debruçam sobre um aspecto genuinamente comunicacional: meios de Comunicação.

“

Contudo, o importante neste momento é destacar que Innis e McLuhan, ao contrário de outros autores e teses, normalmente importados para o campo comunicacional, independente da avaliação que tenhamos, não deixam dúvidas quanto ao pertencimento ao campo da comunicação stricto sensu, pois enfatizam e desenvolvem abordagens nas quais os meios de comunicação assumem um papel central.”

(Martino, 2008, p. 139)

A centralidade que esses autores dão aos meios de Comunicação é, segundo Martino, o subsídio determinante para que a Comunicação tenha uma contribuição única e genuína no âmbito das Ciências Sociais. Martino (2008) argumenta que os estudos de Innis e McLuhan causaram muita polêmica e foram avaliados como fracos e inconsistentes, do ponto de vista teórico e metodológico, porque os pesquisadores se apegaram a hipóteses secundárias, que muitas vezes traziam exemplos equivocados e mal elaborados. Todavia, quando se trata do ponto central da argumentação desses autores, o núcleo duro, – que pode ser resumido aos dois principais aforismos de McLuhan “o meio é a mensagem” e “os meios de Comunicação como extensões do homem” – que traz os meios de Comunicação como vetores explicativos, e, não como elementos constituintes do processo comunicacional, o cenário muda:

“

Como matriz explicativa, a centralidade dos meios corresponde a uma teoria, no sentido forte que se pode dar ao termo. Por outro lado, para além desse plano, que liga o discurso à realidade a ser explicada, ela também passa a ter um valor epistemológico. A tese possui esta virtude



germinadora e pedagógica, presente na obra dos grandes clássicos, já que não apenas dá conta de uma realidade particular (como qualquer teoria deve fazer), a centralidade dos meios estabelece uma forma de abordagem e eixos de investigação a serem seguidos, assumindo valor paradigmático.”

(Martino, 2008, p. 142)

O estatuto que Martino (2008) confere ao pensamento de Innis e McLuhan vai muito além de uma simples visita e reapropriação de algumas teses; o autor afirma que a obra deles se confunde com o próprio objeto de estudo da Comunicação. Ou seja, eles enfrentaram o âmago da problemática comunicacional. Fato que, ainda conforme Martino, gerações de pesquisadores não conseguiram fazer, porque se seduziram pelo conteúdo dos meios e se debruçaram em torno de pesquisas contextualizadas, que apontavam para cenários circunstanciais, passageiros e que pouco auxiliavam na construção de um quadro mais abrangente e analítico, sendo menos datado do processo de Comunicação mediado.

Logo, é possível afirmar que esta última e mais recente fase do pensamento de McLuhan no Brasil não se trata exatamente de uma reapropriação, mas, seguramente, de uma apropriação da obra deste autor, na medida em que esse modo de recuperar o trabalho dele é inédito, mais profundo, menos preocupado com a figura polêmica de McLuhan e mais voltado para a compreensão de suas teses.

Considerações finais

McLuhan, sem dúvida, fulgura como um dos autores da Comunicação mais citados no mundo. A obra do teórico já deu a volta ao mundo por todos os continentes e, ainda no início da primeira década deste novo milênio, foi traduzida para mais de vinte países

(Gastal, 2003). A fama do *Oráculo da Comunicação* também chegou ao Brasil e marcou a pesquisa em Comunicação neste país.

A chegada das obras de McLuhan ao Brasil causou muita polêmica. Em parte, porque o tema de pesquisa deste autor trazia um aspecto do processo comunicacional mediado que a nação não estava pronta para receber. Isto aconteceu muito por conta do conturbado momento político brasileiro, que influenciou os rumos da pesquisa na época. Mas, também, em parte, porque McLuhan rompeu com o perfil de pesquisadores/intelectuais da época – mais tímidos e reservados –, e se revelou com grande capacidade de falar dos meios através desses. A personalidade marcante de McLuhan, certamente, causou desconforto entre os pesquisadores brasileiros, que facilmente identificavam os problemas das hipóteses secundárias do autor para rebater sua argumentação.

A década de 80 e parte da década de 90, que apontamos como a segunda fase do pensamento mcluhaniano, são marcadas pela chegada e consolidação da democracia brasileira, além de um longo silêncio no que concerne ao debate sobre o pensamento do autor. A recente estabilidade política e econômica do país trouxe objetos de pesquisa em Comunicação que ainda estavam preocupados com o contexto político, social e econômico. Nesse sentido, colocar o acento na tecnologia ainda não era uma preocupação dos pesquisadores da Comunicação no país.

Finalmente, a terceira e mais recente fase da repercussão do pensamento de McLuhan no Brasil é marcada por uma efetiva apropriação das obras do autor. Por um lado, as impactantes inovações tecnológicas do campo da Comunicação despertam o interesse dos pesquisadores, cada vez mais preocupados com o fenômeno do impacto das tecnologias. Por outro lado, percebe-se o esforço de alguns autores, como Luiz Cláudio Martino (2008), para compreender McLuhan para além de suas teses secundárias, mas, sim, mergulhar no núcleo duro da sua obra.

Outro aspecto que vale a pena ser ressaltado, trata-se do pano de fundo desta discussão, é que o tema da tecnologia tem efetivamente ganhado centralidade no âmbito das pesquisas na área das Ciências Humanas e Sociais. O debate sobre este tema parece figurar como a pauta do dia da nossa época. Nesse sentido, é possível incrementar o concurso de explicações para a apropriação da obra de McLuhan.

O centenário do nascimento de McLuhan também é comemorado no Brasil, no âmbito dos programas de graduação e pós-graduação em Comunicação. Essa personalidade vibrante marcou profundamente o pensamento comunicacional brasileiro e trouxe definitivamente o problema dos meios de Comunicação para a pesquisa. Contudo, não é possível finalizar este artigo afirmando que o pensamento de McLuhan transformou-se em uma unanimidade para os pesquisadores brasileiros. Na verdade, seria precipitado e pouco coerente afirmar que qualquer pesquisador tenha alcançado tal patamar, já que a vocação da ciência é a manutenção do debate. Mas, certamente, é possível afirmar que o pensamento de McLuhan nunca esteve tão atual no Brasil.

As fases que descrevemos aqui não têm a pretensão de encerrar o debate sobre a repercussão do pensamento mcluhaniano no Brasil. Na verdade, elas formam uma estratégia para tentar compreender a história desse pensamento no âmbito da pesquisa em Comunicação no país, já que rever os quase 50 anos da entrada do trabalho de McLuhan no Brasil não se revelou uma tarefa fácil. Embora compreendendo os limites da categorização, o espaço de tempo e a grande repercussão do trabalho do autor, demandaram esse esforço, que foi uma tentativa de agrupar vozes comuns, mas também de compreender quando falas discordantes apareciam.

Para além de encerrar o debate, a proposta é fomentá-lo e aprofundá-lo. Três décadas depois da morte de McLuhan, o que se pode ter certeza é que ainda existirão outras fases de apropriação do pensamento deste autor na pesquisa em Comunicação brasileira. ●

REFERÊNCIAS

- DEFLEUR, Melvin L.; BALL-ROKEACH, Sandra. *Teorias da Comunicação de Massa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- GASTAL, Susana. McLuhan: desdobramentos polêmicos de uma teoria (ainda) polêmica. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*. Porto Alegre, n. 22, dez. 2003, pp. 46-54.
- GOBBI, Maria Cristina. Introdução – contribuições brasileiras para os estudos comunicacionais. In: HOHLFELDT, Antonio e GOBBI, Maria Cristina (orgs.). *Teoria da Comunicação – antologia de pesquisadores brasileiros*. Porto Alegre: Sulinas, 2004. pp. 19-31.
- HOHLFELDT, Antonio. Diferentes gerações de pesquisadores brasileiros produzem acúmulo considerável de conhecimento na Comunicação Social. In: HOHLFELDT, Antonio; GOBBI, Maria Cristina (orgs.). *Teoria da Comunicação – antologia de pesquisadores brasileiros*. Porto Alegre: Sulinas, 2004. pp. 11-14.
- KATZ, Chaim Samuel; DORIA, Francisco Antonio; LIMA, Luiz Costa. *Dicionário Básico de Comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- KATZ, Elihu. “A propôs des médias et de leurs effets”. In SFEZ, L. (org.). *Technologies et Symboliques de la Communication*. Colloque de Ceresy 1988 Press Universitaire de Grenoble, 1990, pp. 275-282 (tradução para o português de L.C. Martino, mecanografado, Brasília, 1999).
- LASSWELL, Harold. The structure and function of communications in society. In: BRYSON (org.). *The communications of ideas*. Nova Iorque: Editora Harper, 1948.
- LIMA, Luiz Costa. *Teoria da Cultura de Massa*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. *Pesquisa em Comunicação*. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- MARTINO, Luiz Cláudio. Pensamento Comunicacional Canadense: as contribuições de Innis e McLuhan. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, ano 5, v. 5, n. 14, pp. 123-148, nov. 2008.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964.
- _____. *Os meios são as mensagens*. Rio de Janeiro: GB, 1969.
- MIEGE, Bernard. *O pensamento comunicacional*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de comunicação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- ROMANCINI, Richard. *O campo científico da Comunicação no Brasil: institucionalização e capital científico*. 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escolas de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

TEIXEIRA, Anísio. Prefácio. In: MCLUHAN, Marshall. *A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. São Paulo: Editora Nacional, Editora da USP, 1972. 390 p.

TREMBLAY, Gaëtan. De Marshall McLuhan a Harold Innis ou da Aldeia Global ao Império Mundial. *Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 22, pp. 13-22, 2003.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. 4. ed. Lisboa: Presencial, 1995.

NOTAS

- ¹ Vencedores do Prêmio Luís Beltrão de Ciências da Comunicação, instituído em 1997, no âmbito da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – INTERCOM.
- ² O que explica essa ação é o fato de que o período da Ditadura Militar no Brasil tenha sido marcado pela forte censura aos meios de Comunicação e a repressão dos usos de meios alternativos pela população.
- ³ McLuhan e Innis são, sem dúvida, os pesquisadores da Escola de Toronto mais conhecidos no Brasil. McLuhan é o mais debatido, mas, especialmente nessas últimas duas décadas (dos anos 90 até hoje), a obra de Innis tem ganhado bastante destaque no Brasil e ele tende a ser reconhecido como o pioneiro dos estudos dos meios de Comunicação (Martino, 2008).